

ALMA LATINA: MÚSICA DAS AMÉRICAS SOB DOMÍNIO EUROPEU

Rádio Cultura FM de São Paulo (103,3 MHz)

Série de 13 programas semanais idealizados e apresentados por Paulo Castagna às terças-feiras das 11:00 às 12:00 da manhã, de 6 de março a 29 de maio de 2012, como parte do projeto Idéias Musicais. Programas disponíveis para audição online e download, na página <http://paulocastagna.com/alma-latina/>

Programa 13/13 - Nos teatros e salões do Brasil português

(apresentado em 29 de maio de 2012)



Olá amigos. No programa da semana passada ouvimos algumas obras do compositor afro-brasileiro José Maurício Nunes Garcia e hoje, décimo terceiro e último programa de Alma Latina, ouviremos um pouco da música escrita para a convivência social da elite portuguesa no Rio de Janeiro antes da Independência.

Nessa época já existiam várias casas de espetáculos no Brasil, incluindo algumas de grande porte, como o Real Teatro São João, inaugurado no Rio de Janeiro em 1813 para a representação de óperas. Mas os salões das casas ricas também eram usados para funções musicais, abrigando a prática de canções e de música instrumental.

Os compositores que trabalharam no Brasil também produziram música de câmara e música orquestral, além de música sacra? Essa música mantém hoje o mesmo significado que teve séculos atrás? E agora, o que fazer com todo o repertório antigo brasileiro e americano acumulado nesses séculos?

No programa de hoje: *Nos teatros e salões do Brasil português*.

Música	Joaquim Manuel da Câmara - <i>Desde o dia em que eu nasci</i>	2'43''
---------------	---	--------

De Joaquim Manuel da Câmara, ouvimos a canção *Desde o dia em que eu nasci*, com Alexandra do Ó, meio-soprano, e Rui Vieira Nery, pianoforte.

Essas canções - entre as quais predominavam as modinhas e os lundus - eram muito frequentes nos salões do Brasil e mesmo de Portugal. Desde fins do século XVIII eram tão comuns que já circulavam entre várias classes sociais e foram compostas tanto por brasileiros quanto portugueses.

Joaquim Manuel da Câmara foi um músico carioca, cujas canções somente chegaram até nós por terem sido transcritas e harmonizadas ao piano por Sigismund Neukomm. Além disso, Neukomm compôs, em 1819, uma fantasia para flauta e piano em três movimentos intitulada *L'Amoureux*, dedicada ao Barão russo Langsdorff e sua esposa, e cujo primeiro movimento é constituído de variações sobre a canção *Desde o dia em que eu nasci*, que acabamos de ouvir.

Da fantasia *L'Amoureux*, composta por Sigismund Neukomm, ouviremos apenas o primeiro movimento (Andante), com Ricardo Kanji à flauta e Rosana Lancelotte ao pianoforte.

Música	Sigismund Neukomm - <i>L'Amoureux</i> (I - Andante)	0'46"
---------------	---	-------

Da fantasia *L'Amoureux*, composta por Sigismund Neukomm, ouvimos o primeiro movimento (Andante), com Ricardo Kanji, flauta e Rosana Lancelotte, pianoforte.

Neukomm escreveu muita música de câmara para os salões do Rio de Janeiro. Aliás, a expressão italiana “musica da camera” significa exatamente música de salão. E uma das obras escritas por Neukomm no Brasil revela uma interessante referência às culturas não-européias.

Trata-se do *Allegro alla turca*, terceiro movimento da Sonata para pianoforte e flauta composta no Rio de Janeiro em 1819 para a princesa Maria Teresa de Bragança, filha mais velha de Dom João VI. Assim como o conhecido movimento que encerra a *Sonata para piano* n.11 de Mozart, também denominado *Alla Turca*, a peça de Neukomm representa a impressão européia da animada música tocada na Turquia com um belíssimo instrumento denominado *santur*, cujas cordas são percutidas por pequenas baquetas de madeira.

De Sigismund Neukomm, ouviremos o terceiro movimento (*Allegro alla turca*), da Sonata para pianoforte e flauta, com Rosana Lancelotte e Ricardo Kanji.

Música	Sigismund Neukomm - <i>Allegro alla turca</i>	6'23"
---------------	---	-------

De Sigismund Neukomm, ouvimos o terceiro movimento (*Allegro alla turca*), da Sonata para pianoforte e flauta, com Rosana Lancelotte e Ricardo Kanji.

Neukomm foi um compositor austríaco que viveu cinco anos no Rio de Janeiro, e nessa cidade escreveu muitas obras. Mas nessa época também foi composta música de salão e música orquestral por autores nascidos no Brasil? Certamente sim. Embora Neukomm seja às vezes referido como o instituidor da música instrumental de salão no Brasil, esse gênero já era praticado na América Portuguesa desde o século XVIII.

Um exemplo interessante é o dos três *Duetos Concertantes* para dois violinos, do compositor afro-brasileiro Gabriel Fernandes da Trindade, nascido em Ouro Preto, e radicado no Rio de Janeiro desde sua infância.

Trindade escreveu seus *Duetos Concertantes* por volta de 1814, antes da chegada de Neukomm ao Brasil e com a idade de quinze anos. Dedicou as peças ao seu professor de violino, o italiano Francesco Ignazio Ansaldi. De Gabriel Fernandes da Trindade ouviremos o Allegro vivace, terceiro movimento do *Dueto Concertante* n.1, com Maria Ester Brandão e Koiti Watanabe, violinos.

Música	Gabriel Fernandes da Trindade - <i>Dueto Concertante n.1</i> (III - Allegro vivace)	6'54"
---------------	--	-------

De Gabriel Fernandes da Trindade ouvimos o Allegro vivace, terceiro movimento do *Dueto Concertante* n.1, com Maria Ester Brandão e Koiti Watanabe, violinos.

Já eram representadas óperas no Brasil dessa época? Sim, na verdade já havia representações brasileiras de óperas desde o século XVIII. Para isso foram construídas, desde 1730, em muitas cidades brasileiras, as casas da ópera, como aquela inaugurada no ano de 1769 em Vila Rica, hoje o belíssimo Teatro Municipal de Ouro Preto.

No século XVIII as óperas ainda eram cantadas com pouca frequência, mas a partir do século XIX esse costume foi se intensificando nas Américas. Em 1821 já se representavam, no Rio de Janeiro, óperas de Mozart e de Rossini, como *O Barbeiro de Sevilha*. Detalhe: essa ópera havia sido estreada em Roma apenas cinco anos antes de ser cantada no Rio de Janeiro.

Embora algumas óperas tenham sido provavelmente compostas no Brasil dessa época, a situação mais comum, antes da Independência, foi a representação de óperas escritas no continente europeu. Mas algumas dessas óperas vieram ao Brasil juntamente com seu compositor: Marcos Portugal, que chegou ao Rio de Janeiro em 1811 para ocupar a função de compositor da corte, teve várias de suas óperas representadas em teatros cariocas. Uma delas foi *Le donne cambiatte*, de 1794, cantada no Rio de Janeiro em português e com o título *As damas trocadas*.

Música	Marcos Portugal - <i>Le Donne Cambiatte</i> (Terzetto <i>Lasciatemi stare</i>)	1'17"
---------------	--	-------

Estamos ouvindo, de Marcos Portugal, o terceto *Lasciatemi stare*, da ópera *Le donne cambiatte*, de 1794, uma das várias óperas de Marcos Portugal representadas no Rio de Janeiro, com a City of London Sinfonia e os solistas Jorge Vaz de Carvalho, Alberto Lobo da Silva e Luís Rodrigues, sob direção de Álvaro Cassuto.

Se compositores europeus sentiram-se atraídos a viver e escrever música nas Américas, desde o século XVI, esse foi um primeiro sinal do rápido desenvolvimento que ocorreu neste continente. Mas a apropriação da capacidade de escrever música, mesmo em estilos europeus, como ouvimos nos programas anteriores, foi o fator que deu aos compositores americanos a possibilidade de suprirem uma necessidade que anteriormente era satisfeita com muito custo. Ao se apropriarem dessas capacidades, os

compositores americanos quebraram a diferença entre a música deles e a nossa. A música passou a ser, simultaneamente, de ambos e, consequentemente, de ninguém.

Seria interessante, neste último encontro, lembrar os ouvintes que desejam acessar os programas anteriores de Alma Latina, que todos estão disponíveis no portal <http://www.culturabrasil.com.br/>, clicando-se em FM. E os que desejam conhecer mais o assunto podem encontrar material em bibliotecas e na internet. Entre outras opções, indico o meu blog, <http://paulocastagna.com/>, no qual também estão os links para os 13 programas desta série.

Música	José Maurício Nunes Garcia - <i>Lição 12</i>	1'05"
---------------	--	-------

Ouvimos, de José Maurício Nunes Garcia, a *Lição n.12*, com Marcelo Fagerlande tocando a espineta portuguesa de 1785 que pertence ao Museu Imperial de Petrópolis.

O compositor afro-brasileiro Nunes Garcia também escreveu obras para os teatros e salões cariocas.

Uma delas foi a “*Ouverture ou Introdução que expressa relâmpagos e trovoadas*”, uma peça orquestral cujos autógrafos se perderam, mas que foi reorquestrada quase um século depois por Leopoldo Miguez. Embora Miguez a tenha chamado de “*Protofonia da ópera Zemira*” e indicado 1803 como a data de sua composição, parece que esta obra foi escrita por José Maurício como abertura do seu drama heróico *Ulisséia*, de 1809.

As “trovoadas”, expressas na música pelas notas rápidas dos violinos, devem ter sido reforçadas pelo tremular de lâminas de metal que simulariam o som das tempestades. Esse clima sonoro era destinado a preparar a entrada do Coro das Fúrias, que proclamam a guerra na primeira cena de *Ulisséia*.

Ouviremos, de José Maurício Nunes Garcia, a Abertura Zemira, ou “*Abertura que expressa relâmpagos e trovoadas*”, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Música	José Maurício Nunes Garcia - Abertura <i>Zemira</i>	7'58"
---------------	---	-------

Ouvimos, de José Maurício Nunes Garcia, a Abertura Zemira, ou “*Abertura que expressa relâmpagos e trovoadas*”, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Música	Neukomm - <i>Sinfonie a Grand Orchestre (II - Minuetto)</i>	0'39"
---------------	---	-------

A musicologia é a ciência que nos ajuda a compreender melhor a música. Mas se, até fins do século XX, a musicologia esteve essencialmente preocupada em entender as composições musicais e sua história, depois dessa época começou a se dedicar bastante à compreensão das sociedades e sua história através da música.

Atualmente, a musicologia começa também a participar, pelo estudo da música, da construção do futuro, e de um futuro diferente do passado que recebemos. A musicologia já vem participando da lenta, porém decidida construção de uma América bolivariana, ou seja, livre e autônoma, colaboradora e integrada ao desenvolvimento

humano mundial. Assim, da reprodução de uma alma latina em corpos americanos, estamos passando à criação da própria alma e reconhecendo a independente criação de todas as outras.

É interessante terminar a série Alma Latina com o gênero musical que hoje mais representa a tradição instrumental européia, e que tornou-se conhecido nas Américas justamente durante os movimentos de independência: a sinfonia.

Sigismund Neukomm escreveu, no Rio de Janeiro, a *Sinfonie a Grand Orchestre*, ou simplesmente *Sinfonia em Mi bemol*. Talvez a sinfonia de Neukomm possa simbolizar, ao final desta série, nosso desejo de independência e de autoconstrução, bem como o respeito à construção de todas as outras independências.

Ouviremos, da *Sinfonia* em quatro movimentos de Sigismund Neukomm, apenas o primeiro (Andante maestoso), com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Música	Neukomm - <i>Sinfonie a Grand Orchestre</i> (I - Andante maestoso)	7'40"
---------------	--	-------

De Sigismund Neukomm ouvimos o Andante maestoso, primeiro movimento da *Sinfonia em Mi bemol*, com a Orquestra Barroca do Festival de Música Antiga de Juiz de Fora, sob direção de Luís Otávio Santos.

Uma observação é importante, ao final desta série: apesar do repertório que ouvimos ter sido inicialmente destinado à construção de uma sociedade hierárquica, na qual uma minoria privilegiada apropriava-se do conforto, pelo controle da maioria desafortunada, esse significado não ficará eternamente embebido na música. Se essas obras foram reservadas, na época, apenas a uma parcela privilegiada da população, não somos obrigados a reproduzir esse modelo: uma atitude diferente, na atualidade, seria torná-la acessível a todos, nas igrejas, nos teatros, nas escolas, na televisão, no cinema, no rádio e na internet.

A televisão e o cinema latino-americano dão pouca ou quase nenhuma atenção a esse repertório, mesmo em filmes sobre os séculos XVI, XVII e XVIII. Usar esse imenso acervo pode nos conectar melhor com um passado que ainda nos afeta bastante. E certamente, quanto mais o conhecermos, menos submetidos estaremos a ele.

Talvez a primeira ação para dar ao repertório antigo americano um significado diferente daquele que, no passado, apoiou a construção de sociedades hierárquicas e submissas a culturas dominantes, seja justamente oferecê-lo a todos. Não impor, apenas oferecer, em igualdade a qualquer outro tipo de música de qualquer outra cultura e região. É possível que, dessa igualdade, apareçam soluções que não eram cogitadas quando somente alguns poucos tinham o direito de emitir suas críticas e suas opiniões.

Música	Neukomm - <i>Sinfonie a Grand Orchestre</i> (IV movimento)	0'55"
---------------	--	-------

Finalmente, é possível perguntar: será que existem, ou teriam existido culturas realmente européias e americanas, ou o que existem são culturas humanas, que se

encontram e se deslocam no mundo juntamente com suas populações? Talvez nem existam europeus e americanos, mas apenas seres humanos nascidos na Europa e nas Américas, como existem em todos os outros lugares do mundo. Separá-los por sua origem geográfica e mesmo étnica pode ter sido uma prática regular e perversa no passado, que ainda persiste no presente, mas que não temos a obrigação de manter no futuro. Os maiores problemas humanos não estão em sua origem étnica, geográfica, cultural ou religiosa, mas provavelmente na ilusão de que, para se desenvolverem, algumas pessoas precisam dominar, violentar, escravizar e invadir outras.

Bem mais importantes do que o repertório americano ou europeu, de qualquer época e lugar, são as nossas vidas e as vidas das próximas gerações. Portanto, não é a vida que deve servir à produção da música, mas sim a música que pode ser usada para o desenvolvimento da vida. Da vida de todos, no presente e no futuro, ainda que muitas crueldades tenham sido apoiadas pela música no passado. Mas o passado se foi, e a decisão de qual futuro queremos construir estará em cada ação que tomarmos, a qualquer momento de nossas vidas.

Conhecer melhor essa história pode nos ajudar a mudar nossa relação com o passado e a construir um futuro diferente. Foi o que procuramos fazer nos 13 programas de Alma Latina, ouvindo um pouco de música das Américas sob domínio europeu.

Música	Anônimo - <i>Lundu</i>	1'10"
---------------	------------------------	-------

E ao som do *Lundu* registrado no Brasil por Carl Philipp Martius há quase 200 anos, em uma recriação do grupo irlandês The Chieftains, com a gaita de foles de Carlos Nuñez, vamos chegando ao final de Alma Latina.

Foi um grande prazer estar aqui em Idéias Musicais e contar com a sua audiência. E foi um enorme aprendizado conviver com a eficiência e o cuidado de toda a equipe da Rádio Cultura.

Dedico a série Alma Latina à memória de meu pai Moacyr Castagna, com quem aprendi o gosto pela música e aos meus mestres Sérgio Frug, Maria Adela Palcos, Viktor David Salis, Sri Baghavan e Jean-Yves Leloup, com quem aprendi o gosto pela vida.

Eu sou Paulo Castagna e espero encontrá-los em novas oportunidades. Este programa teve a produção de Ralf Schwarz e trabalhos técnicos de Almir Amador. Boa semana e até breve.

VINHETA DE ENCERRAMENTO
